Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A PRESENÇA DA NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA DE MARIANO DE OLIVEIRA NO GRUPO ESCOLAR BARÃO DO RIO BRANCO, PARELHAS-RN, 1919 A 1922

THE PRESENCE OF MARIANO DE OLIVEIRA'S NEW ANALYTIC-SYNTHETIC PRIMER AT THE GRUPO ESCOLAR BARÃO DO RIO BRANCO, PARELHAS-RN, 1919 TO 1922

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a cartilha escolar de Mariano de Oliviera utilizado por alunos e professores no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, município de Parelhas-RN, de 1919 a 1922. Considera-se nesta pesquisa a abordagem metodológica do método histórico. A bibliografia desta investigação utilizou obras como: Le Goff (2013), Magalhães (2004), Araújo (2011), Azevedo e Stamtto (2012), Medeiros Neta (2011), Mortatti (2000), Sobral (2007). O corpus investigado inclui dois diários de classe das professoras Maria Terceira Rocha e Raimunda Rocha (1919 e 1920), Maria Helena Furtado e Rita Sampaio (1921 e 1922) do GEBRB, e a cartilha escolar "a Nova Cartilha Analítico-sintética" de Mariano de Oliveira. O referido manual apresenta uma concepção de infância, ludicidade, família e patriotismo imbuídas em cada historieta ou imagem.

Palavras-chaves: Cartilha Escola. Grupo Escolar. Método inovador. Alfabetização

ABSTRACT

This research aims to analyze the "School Primer" by Mariano de Oliveira used by students and teachers at the Grupo Escolar Barão do Rio Branco, Parelhas-RN, from 1919 to 1922. This study considers the methodological with the historical method. The bibliography of this research incorporated scientific works on the History of Education, such as: Le Goff (2013), Magalhães (2004), Araújo (2011), Azevedo and Stamtto (2012), Medeiros Neta (2011), Mortatti (2000), Sobral (2007). The corpus investigated includes two class diaries written by teachers Maria Terceira Rocha and Raimunda Rocha (1919 and 1920), Maria Helena Furtado and Rita Sampaio (1921 and 1922) from GEBRB, in addition to the primer initially identified. Finally, it is observed that the manual in question presents conceptions of childhood, playfulness, family and patriotism imbued in each story or image.

Keywords: School Primer. Grupo Escolar. Innovative Method. Literacy.

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

INTRODUÇÃO

As cartilhas escolares fazem parte de um conjunto de decisões peculiares de uma determinada realidade elaborada sobre processos, normas, valores, significados, formas de pensamento, constituidores da própria cultura que se complexifica como resultado de uma construção histórico-cultural do homem.

No processo remodelador de estados, municípios e vilas ocorridas nas primeiras décadas da República, os grupos escolares exerceram importante papel, contribuindo para a formação intelectual, moral, cívica e física daqueles que tinham acesso aos bancos escolares; embelezamento da cidade em decorrência da sua arquitetura moderna; efetivação de práticas higienistas e divulgação de ideais cívicas. Conforme Araújo (2011, p. 141), a escola que, nessa perspectiva, apresentava-se como moderna era aquela que "coexistia com o conhecimento técnico e científico, a escola da pedagogia nova e a cultura do urbano e do público". Dessa forma, a organização da época e dos saberes escolares revela a modernidade almejada pelos governantes e sujeitos republicanos através dos modelos dos grupos escolares, os quais traziam em si o que era de mais atual em infraestrutura, métodos de ensino, programas, mobiliário, material didático e professores com formação pedagógica.

Consideramos nesta pesquisa a abordagem metodológica do método histórico. De acordo com Le Goff (2013), essa abordagem concebe uma história com novos objetos, novos problemas do homem comum, mediante as fontes históricas, em colaboração com outras ciências sociais, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia e a Geografia.

Para Magalhães (2004), a pesquisa histórica está inserida em um campo interdisciplinar, envolvendo ciências como a pedagogia, sociologia, filosofia, história, cada

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

uma com suas definições e conceitos. Esta relação possibilita o desenvolvimento de diferentes temáticas na pesquisa como: conteúdos escolares, livros didáticos, disciplinas, formação de professores que explicam as práticas e a cultura de uma determinada instituição educativa.

Como objetivo Geral propomos analisar a cartilha escolar de Mariano de Oliveira utilizado no Grupo Escolar Barão do Rio Branco no período de 1919 a 1922. Buscamos compreender a organização deste grupo escolar dentro do seu contexto social, político e econômico; e conhecer a legislação educacional da época por meio dos métodos, programas de ensino utilizados no ensino primário.

No que concerne à historiografia da educação no Rio Grande do Norte, vale reiterarmos a importância dos estudos de Araújo (2006), Azevedo e Santos (2018) e Azevedo e Stamatto (2012), Medeiros Neta (2011), que contribuíram para entendermos a formação dos grupos escolares e sua institucionalização na região Potiguar. A respeito dos manuais escolares especificamente, buscamos apoio teórico em Mortatti (2000), Bernades (2008), Rozante (2011), Oliveira, (2004), os quais lembram que os manuais escolares são objetos de investigação complexos, inseridos no universo cultural, constituídos por normas, regras, mas, ao mesmo tempo, definem os conhecimentos a serem ensinados e as finalidades do sistema educacional pensadas por sujeitos intelectuais.

Dividimos as fontes documentais dessa pesquisa em três grupos considerando o período de 1919 a 1922: documentos governamentais que compreendem: As Mensagens dos Governos do Estado do Rio Grande do Norte à Assembleia Legislativa referentes à instrução pública; livros de Ofícios, Atas e Resoluções da Diretoria Geral da Instrução Pública; Termos de visitas; Livro de Posse, compromisso e transferência dos professores;

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Livro de Atas da Associação de Escoteiros; e Regimentos Escolares. Também relacionamos os Decretos, as Atas e as Portarias da Intendência Municipal de Jardim do Seridó-RN e da Prefeitura Municipal de Parelhas. livros do GEBRB: diários de classe das professoras, Maria Terceira Rocha, Raimunda Rocha, Rita Sampaio e Maria Helena Furtado. E, a cartilha escolar de Mariano de Oliveira.

As fontes foram encontradas no Arquivo do estado do Rio Grande do Norte, no jornal A República; no Repositório do Laboratório de Imagens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LABIM), e no Laboratório de Restauração e Conservação de Livros e Documentos Históricos (LABRE), no Arquivo da Prefeitura Municipal de Jardim do Seridó-RN, uma vez que Parelhas era distrito desse município e no Arquivo do Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

O INTELECTUAL E ESCRITOR BRASILEIRO MARIANO DE OLIVEIRA

Mariano de Oliveira, filho de Antônio Guedes de Oliveira e da professora D. Corina Eugenia de Oliveira, nasceu em Piracicaba, cidade do interior do estado de São Paulo, no dia 26 de maio de 1869. Diplomou-se em 1888 pela Escola Normal de São Paulo. Foi um professor com grande influência no cenário educacional paulista, considerando a grande circulação de seus manuais e a importância, naquele momento, das suas orientações em relação ao método analítico-sintético de ensino adotado no estado de São Paulo.

De acordo com as pesquisas de Sobral (2007), nas décadas iniciais do século XX, Mariano de Oliveira exerceu o cargo de inspetor escolar, quando publicou, em parceria com Miguel Carneiro, J. Pinto e Silva e Theodoro de Moraes, pela Siqueira, Nagel & Comp., vinculada à Diretoria Geral da Instrução Publica, em 1911, a monografia: Como

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ensinar leitura e linguagem nos diversos anos do curso preliminar. Em 1914, continuando no cargo de inspetor, publicou na Revista de Ensino as Instruções práticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições com a colaboração dos professores Ramon Roca Dordal e Arnaldo de Oliveira Barreto.

Nesse sentido, Mariano de Oliveira tem um legado de 79 referências de textos escritos, a saber: 1 de livro didático para o ensino da leitura, linguagem e aritmética; 56 de cartilhas; 9 de livros de leitura para a escola; 10 de textos diversos em periódicos; e 3 de documentos oficiais.

Em 1916, Mariano de Oliveira publicou a Nova Cartilha Analytico-Synthética, editada até 1955, alcançando a 185ª edição, e circulou por diversos estados brasileiros. Esta cartilha é citada nos diários de classe do GEBRB (1919 a 1922). Escreveu ainda a cartilha *Ensino rápido da leitura*, cuja 1ª edição data de 1917, publicada assim como a primeira, pela editora Weiszflog Irmãos. Essa cartilha teve repercussão ainda maior, sendo adotada oficialmente em pelo menos quatro estados brasileiros (Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná e São Paulo) e editada por quase 80 anos, até 1996, quando alcançou sua 2.230ª edição.

A Nova Cartilha Analytico-Sintetica, nesta pesquisa analisada, está na sua 5ª edição, datada de 1918 pela editora Weiszflog irmãos. Na capa de rosto, tem a seguinte afirmação: aprovada e adaptada oficialmente nos Estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Paraná e Goiás.

A cartilha escolar apresenta uma dedicatória a sua mãe professora D. Corina Eugenia de Oliveira e a Infância Brasileira. Da página 5 a 88, são atividades sequenciadas com ilustrações de crianças bem-vestidas, mostrando bons comportamentos em contato com objetos escolares, animais e brinquedos. Na maioria das páginas, as gravuras são

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

pretas e brancas e pouco coloridas. Ao final da cartilha, o alfabeto escrito de vários formatos e palavras para serem completadas com as letras que estão faltando. Em seguida, instruções práticas para o ensino da leitura.

A cartilha Analytico-Synthética, escrito por Mariano de Oliveira, é publicada pela editora Weiszflog Irmãos, São Paulo e Rio de Janeiro. Considerado um livro raro pelas livrarias, este exemplar consta de sua 5ª edição, datado de 1918 e foi adquirido pela pesquisadora através do site da Estante Virtual no Sebo Porão, Campinas-SP. No entanto, esta cartilha foi publicada até 1955, alcançando a 185ª edição e contabilizando um total aproximado de 825.000 exemplares publicados, desde seu lançamento em 1916. A mesma não possui sua capa original.

A Contracapa apresenta os dados editorias da cartilha mencionados no parágrafo acima, e no seu verso o seguinte texto: "aprovada e adaptada officialmente nos Estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Norte, Paraná e Goyaz". Na contracapa, a seguinte dedicatória: "a sua venerada mãe, professora D. Corina Eugenia de Oliveira, em retributo de muito amor, e a Infância Brasileira" (Oliveira, 1918, p. 3).

Assim, a proposta pedagógica de cada cartilha pretendia educar a criança a partir de novos padrões intelectuais, os quais se fundamentavam numa concepção sobre o conhecimento a partir dos sentidos humanos e que, aplicada ao ensino, pretendia formar indivíduos que usassem menos a memória e mais a razão, valorizando a observação como meios de construção do conhecimento e implementação de atividades produtivas.

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA DE MARIANO DE OLIVEIRA

Nas primeiras décadas do século XX, a escolarização despontava como um dos aspectos prioritários na construção de um novo país. Desse modo, foram criados projetos voltados à constituição de uma escolarização laica, gratuita, pública, para ambos os sexos e universalizada. Azevedo e Santos (2018), consideram que esses princípios gerais não se efetivaram da mesma maneira, em todos as regiões do país. Podemos observar que o pensamento educacional da época se orientou no sentido de articular o ensino à criação de uma nova cultura nacional, fundamentada nas noções de civismo. A escola pensada por Sampaio Doria (1883-1964), por exemplo, seria o local propício para habituar e forjar a formação dos comportamentos cívicos. Desse modo, quando o aluno fosse à escola, aprenderia a ler e a escrever por meio de lições distintas, mas todas carregadas de valores morais e de civismo. Nos bancos escolares, a cultura cívica seria disseminada.

Mariano de Oliveira integra a geração de professores paulistas que, nos anos iniciais da República, contribuíram para a constituição do modelo educacional republicano a partir de leituras sistematizadas quanto à função de formar o sujeito, transmitir e socializar saberes. A criança podia ler com apelo dos recursos visuais como suporte de fixação dos conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores, vivências).

Quanto à formação desse leitor, era necessário que o professor utilizasse algumas práticas de leitura expostas no final da cartilha para expandir as possibilidades de autonomia, domínio e habilidades dos alunos com os códigos linguísticos. De acordo com Carlos (2015), as cartilhas de Mariano de Oliveira destacavam os seguintes aspectos:

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

linguagem que incentivava a espontaneidade, a liberdade e a criatividade; ilustrações que exortavam o aprendizado lúdico; projetos gráficos que estimulavam a percepção sensorial visual.

No decorrer da cartilha nesta pesquisa analisada "a cartilha analytica-syntética", as lições indicam as finalidades do método de ensino na medida que favoreciam à autonomia na formação de palavras e sentenças, privilegiando a experiência pessoal da criança no aprendizado de leitura. No Grupo Escolar Barão do Rio Branco, esta fase da renovação do pensamento nacional, criava as bases necessárias para o avanço das ideias modernas fundadas na reprodução e assimilação de uma nova cultura dominante, forjando um homem racional, determinado a atender os projetos do capitalismo.

A cartilha de Mariano de Oliveira utilizado no GEBRB trazia uma concepção de infância, ludicidade, família e patriotismo imbuídas em cada historieta ou imagem. Cada uma destas concepções compreendia o contexto das práticas higienistas, princípios morais e o processo de escolarização vivenciado por crianças pertencentes às classes sociais mais favorecidas. Mesmo que a expansão dos grupos escolares tivesse como finalidade atender à população na qual estavam inseridos, esta não era uma realidade para todas as regiões. A exemplo, o próprio Grupo Escolar Barão do Rio Branco, com apenas duas salas de aulas, uma masculina e outra feminina.

Segue a cartilha com as leituras da página 05 a 88, todas com ilustrações de acordo com o que está escrito, algumas bem coloridas, outras em preto e branco. Os textos se reportam a crianças, tanto do sexo masculino como feminino, bem vestidas e sempre na companhia de animais ou brinquedos. Logo após cada leitura, há uma sequência de palavras explorando uma determinada sílaba. Da página 89 a 91 está o alfabeto escrito

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

em formatos, manuscrito e letra de imprensa, ambas maiúsculas e minúsculas. Cada letra é acompanhada de uma gravura, por exemplo: A - aza, B - besouro, C - cebola.

Dando continuidade, encontramos da página 93 a 100, as instruções práticas para o ensino da leitura, devidamente autorizadas pela Diretoria Geral da Instrução Pública. O Regimento Interno dos Grupos Escolares de 1925 do Rio Grande do Norte, na seção dos livros recomendados para alunos do curso infantil-mixto, menciona os manuais de Ensino Rápido e Cartilha Analytico-Synthetica, ambas de Mariano de Oliveira.

De acordo com Mortatti (2000), os métodos de alfabetização classificavam-se, basicamente, em dois tipos: o sintético (da parte para o todo), que incluía a soletração e a silabação, e o analítico (do todo para a parte). Esses métodos ainda se subdividem em: métodos sintéticos: alfabético, fônico, silábico; e métodos analíticos: da palavração, da sentenciação, da historieta, do conto.

A partir de 1910, o termo "alfabetização" vai se consolidando e a leitura é "compreendida como instrumento de cultura, mediante o pensamento expresso por outrem" (Mortatti, 2010, p. 136) e, decorrente dela, a escrita é entendida como caligrafia e cópia, "e seu ensino envolve discussões respaldadas em teorias sobre os movimentos musculares requeridos e o tipo de letra manuscrita a ser utilizado: inclinada ou vertical" (Mortatti, 2000, p. 136). Enfatizava-se também a caligrafia, com cadernos elaborados para essa finalidade.

As páginas 5 e 6 da Cartilha de Mariano são citadas no diário de Maria Terceira Rocha no dia 22 de junho de 1920. Historietas curtas apresentando uma menina "Laurita" e seu gatinho "Neve".

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Figura 01 - Leitura da página 06 da Cartilha Analytico-Synthética de Mariano de Oliveira

NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA

1. ¿Você conhece esta menina?
2. Esta menina é a Laurita.
3. Laurita está brincando com o gatinho.
4. ¿Como se chama este gatinho?
5. Este gatinho chama-se Neve.
6. Neve tem uma fita vermelha no pescoço.

6

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

As historietas são numeradas e sequenciadas, de modo que a criança poderia decompor em pequenas partes o que estava lendo. O texto apresenta uma sequência de ideias na composição das frases, permitindo que a criança compreenda o contexto para em seguida identificar as palavras, sílabas e sons. A atividade de escrita proposta após esta leitura foi uma redação. Para a 1ª sessão estava escrita a seguinte frase: Quer você, o Neve, menino? Para a 2ª sessão, escrever uma cartinha para uma colega.

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

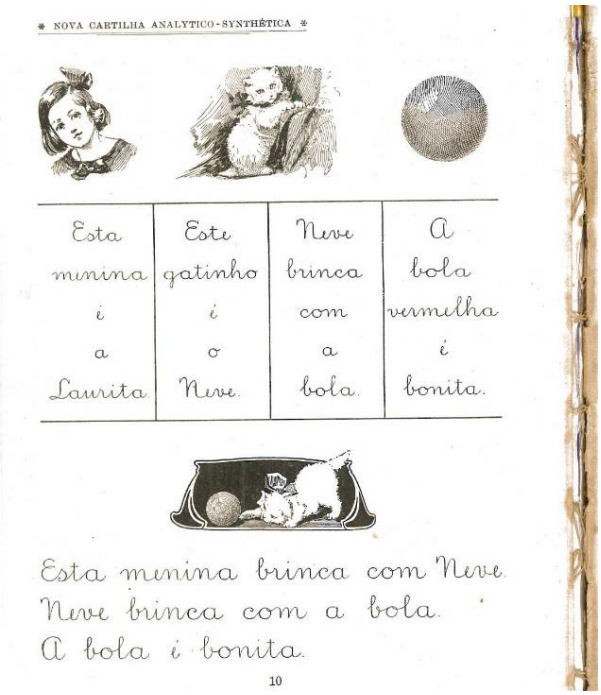
Nas ideias republicanas, a base da reforma educacional estava nos novos métodos de ensino para a leitura e escrita, a citar o revolucionário método analítico utilizado de início na Escola-Modelo anexa à Escola Normal de São Paulo. Como ponto de partida para o ensino da leitura, priorizava-se o conjunto de frases relacionadas entre si por meio de nexos lógicos. De acordo com Morttati (2000), iniciou-se uma acirrada disputa entre partidários do método analítico para o ensino da leitura e os que continuavam a defender e utilizar os tradicionais métodos sintéticos, especialmente, o da silabação.

O método analítico é compreendido pela palavração, ou seja, a partir da palavra trabalhada segue as sílabas e as letras. Sentenciação diante da compreensão das frases até chegar nas letras e pelo método global (macro) que seria um texto completo para dele extrair as letras (micro). No método sintético, inicia-se pelo aprendizado das letras, palavras e em seguida as frases. A aprendizagem tem como base o som das letras. O método silábico parte da construção de sílabas e em seguida as frases, vão das partes para o todo. De acordo com Sobral (2007), as cartilhas de Mariano de Oliveira trouxeram uma harmonia diante das polêmicas travadas entre os defensores do método analítico e os aprovadores do método sintético.

Nas páginas 10 e 11 da cartilha, observamos gravuras seguidas de frases retiradas do texto das páginas anteriores, consolidando, dessa maneira, o método sintético. Há de se considerar que o manual de Oliveira mantém esta dinâmica: gravura, historietas, novas historietas dentro do contexto da anterior, frases, palavras. Para Mortatti (2000), os livros didáticos produzidos no segundo momento na história da alfabetização, especialmente, no início do século XX, tinham como diretriz o método de marcha analítica (processos da palavração e sentenciação), adequando-se às instruções oficias de cada estado.

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Figura 02 - Leitura da página 10 da Cartilha Analytico-Synthética de Mariano de Oliveira



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Percebemos que as frases se repetem, como um processo de memorização em que a criança aprenderia mais rápido e com mais significado. Primeiro se aprendia a codificação e decodificação para, em seguida, passar a compreensão da leitura e da escrita. O método sintético utilizava uma palavra-chave, partindo das sílabas mais simples para as mais complexas, que depois de estudadas sistematicamente em famílias, poderiam formar novas palavras. Por exemplo: BOLA, BONITA, BRINCA.

Em algumas historietas o autor provoca o leitor com indagações: Você está vendo a bola? (p.15); quem é que não está correndo? Como se chama o bezerrinho? (p. 19) Por

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

que malhada não corre? Você conhece o Mimoso? (p. 22). Nessa direção, percebemos que o aluno era forçado a fazer pausas para pensar e responder, mesmo em um curto intervalo de tempo, considerando o horário para cada disciplina, não por um processo de reflexão, mas de prontidão diante do discurso do texto e das imagens.

Das páginas 25 a 34, conhecemos outra personagem que é a Dalila, irmã de Laurita.

Figura 03 - Leitura da página 26-27 da Cartilha Analytico-Synthética de Mariano de Oliveira

* NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA *

1. ¡Olhem este gatinho bonito!
2. ¿Este gatinho não será o Neve?
3. Não! o neve é branco e este é malhado.
4. Malhado é o nome deste gatinho.
5. ¿Vocês vêem o que está fazendo o Malhado?
6. Malhado está bebendo leite em um prato.
7. ¿A boneca de Dalila não bebe leite?
8. Não! só o Malhado é que gosta de leite.
9. ¿Como faz o Malhado ao beber leite?
10. Elle põe a lingua de fóra para beber leite.

Malhado gosta muito de leite.

26

* NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA *

¿Este gatinho será o Neve?	Não! o Neve é branco e este é malhado.	Malhado é o nome deste gatinho.	Este gatinho bebe leite no prato.

será leite não no nome prato deste branco

Malhado bebe leite no prato.
Este gatinho branco é o Neve.

27

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

As gravuras mostram cenas de crianças pertencentes a uma classe elitizada, visto que as cartilhas eram destinados com esta intencionalidade, pois o aluno era instigado a chegar a este nível de sociedade. Brinquedos sofisticados, passeios, animais de estimação, mesas de refeições bem arrumadas quanto a etiquetas e utensílios, aspectos estes favoráveis a famílias economicamente favorecidas. Era o modelo de criança ideal, bem vestidas, aparentando boa educação, bons costumes. Nesse contexto, a educação, incluindo o processo de alfabetização no início da formação do sujeito, tinha caráter elitista e dual.

Na composição da cartilha, Oliveira (1918) apresenta nas páginas 35, 36 e 37, uma sequência de palavras codificadas para serem decodificadas pelo leitor, utilizando a voz em harmonia com os valores fônicos. Com relação à classificação das palavras, eram monossílabas, as quais originavam as outras palavras dissílabas e trissílabas.

Assim, como a leitura, a escrita não é era um processo espontâneo, nem ocorre de qualquer jeito. É necessário um conjunto de práticas, estratégias e regras para determinado fim. De acordo com Mortatti (2000), a escrita era vista como uma habilidade motora, que demandava treino e cópia do formato da letra. Para isso, o sujeito necessitava conhecer as regras gramaticais e ter um bom vocabulário.

De acordo com Azevedo e Stamatto (2012), nesse período histórico da sociedade brasileira, instaurava-se uma conjuntura política, social e econômica atravessada por projetos, discursos e reformas do ensino, seguindo o otimismo pedagógico dos republicanos, pautado na organização das classes graduadas, respeitando os níveis de aprendizagens e faixas etárias dos alunos, novas técnicas de ensino, princípios higienistas e cívicos, introdução de materiais pedagógicos e escolares e a presença de um professor para cada sala de aula, formado pela escola normal.

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Figura 04 - Leitura da página 38 da Cartilha Analytico-Synthética de Mariano de Oliveira

* NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA *

1. Aqui estão duas meninas.
2. Cada menina tem a sua boneca.
3. ¿Você conhece a menina de vestido branco?
4. A menina de vestido branco é a Clarinha.
5. Clarinha está sentada no sofá.
6. Ella está tomando café com leite.

38

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

As crianças tomam café enquanto brincam e conversam. Essa estratégia lúdica acontece com frequência nas historietas apresentadas por Oliveira (1918), proporcionando ao leitor conhecimento espontâneo, criativo e significativo do mundo em que está inserido. A ludicidade amplia os processos de socialização, comunicação e

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

desenvolvimento da criança, promovem habilidades no exercício fonológico, na exploração e domínio das relações som-grafia, levando a avanços na leitura e escrita.

Observamos que na página 42, aparece a seguinte historieta: "A criada veiu chamá-las". No entanto, o autor não apresenta a criada ao leitor, nem seu nome próprio e se era um adulto ou uma criança. No manual, apenas dois adultos são mencionados: a "criada", na página 42, que chama as meninas para servir-lhes o "café", e o "Tio Aleixo", na página 75, pai de "Chiquinho", proprietário de uma chácara.

Embora o Estado buscasse incorporar as ideias europeias de modernização, e com a lei da abolição da escravatura, ex-escravos e filhos de escravos recém-libertos, migravam para as cidades em busca de trabalho e moradia, mostrando que o estado de bem-estar social não atingiu todos da mesma forma, trazendo desenvolvimento e qualidade apenas para a elite.

Nesse sentido, chamamos atenção para a leitura e ilustração da página 70.

Figura 05 - Leitura da página 70 da Cartilha Analytico-Synthética de Mariano de Oliveira

NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA

1. Lúcia está deitada no sofá.
2. Ella tem em frente um livro aberto.
3. Esse livro é uma cartilha antiga.
4. Sua primeira pagina tem um veado.
5. A segunda tem somente - fa, fe, fi, fo, fu.
6. ¿Que vem a ser tudo isto?
7. A menina não entendeu nada.
8. Va, ve, vi, vo, vu, é que deveria lá estar.

70

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A cena é bem ilustrada com cores fortes, mostrando o estilo de vida de uma criança pertencente à elite brasileira. A menina deitada em um sofá com um livro aberto, em uma página, a imagem de um veado e na outra as sílabas fa, fe, fi, fo, fu, conduzindo o leitor-aluno a fazer uma correspondência entre as sílabas e os fonemas: fa e va, fe e ve, fi e vi, fo e vo, fu e vu. Ao pronunciar as sílabas, a gesticulação da boca seria a mesma e que as crianças poderiam memorizar casadamente os fonemas e sílabas, tornando possível a construção de novas palavras (fa e va, fava). Isso é uma característica do método Analytico-Sintético definido por Oliveira (1918), que compreende tanto o método fônico na segmentação das palavras em sequência de fonemas, como o método silábico, por serem as sílabas facilmente pronunciadas uma a uma, conduzindo a criança a memorizar suas formas gráficas. O aluno aprenderia a diferenciar um sinal gráfico do outro, f/v.

Segundo Carlos (2015, p. 171), a cartilha é, originalmente, ilustrada em cores, que se destacam pela variedade de tons vibrantes.

> Há ilustrações na maioria das páginas, porém não há referência da autoria ou origem das ilustrações, contudo percebe-se, pela unidade estética, serem obras de um mesmo artista, produzidas com o objetivo de figurarem nas lições propostas, uma vez que é perceptível a coesão entre textos e imagens. As ilustrações se distribuem em cenas que introduzem as lições e figuras avulsas, formando um conjunto imagético que representa um universo infantil lúdico e idealizado.

Observamos algumas historietas no manual: "- Muito Bem! Vovô gosta muito de favas. - Bravos! Eu gosto de favos de mel. - Favos a mim! Favas ao Vovô" (Oliveira, 1918, p. 72). As palavras eram selecionadas cujas sílabas ou relações fonemas-grafemas seriam destacadas, despertando na criança a consciência fonológica mediante o conhecimento do mundo ali presente. Pelo jogo das palavras, o aluno vai sendo conduzido ao avanço de

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

sua aprendizagem de maneira prazerosa, divertida. A ludicidade era uma característica presente nas lições de Mariano de Oliveira, o que remete à ideia do brincar como uma função educativa. O ser humano que brinca, joga, é um ser ativo, compreende, participa e colabora.

Na página 73, Lúcia, personagem deitada no sofá, segundo o autor "toma gosto pelas combinações de novas palavras e resolve fazer mais uma". Dessa vez, as combinações seriam pela quantidade de sílabas: TA – PE – TE; BO – NE – CA. Com estas, ela consegue formar outras palavras como: boca, cabo, boné, bote, caneca, caneta. Logo, o manual possibilita que, ludicamente, a criança estabeleça relações com o universo imaginário e o mundo real, descobrindo o que precisam aprender para agir.

Pelo Método Fônico, as crianças podiam aprender a quebrar palavras em sons, traduzir sons em letras e combinar letras para formar novas palavras. Os fonemas e suas letras correspondentes eram ensinados com base em sua frequência de palavras. O aluno fazia uma análise ao decompor uma palavra nos fonemas que a constituíam, e uma síntese quando juntava sons para formar palavras. A síntese poderia ser tanto oral (a partir de palavras ouvidas) quanto escrita (a partir da leitura de palavras).

No entanto, a atividade proposta para formação de palavras na página seguinte, segue com as letras NH, LH. Os resultados esperados se destinavam à fluência em leitura oral e desenvolvimento do vocabulário. Segundo Rozante (2011), os métodos sintéticos privilegiavam o sentido do ouvido em relação aos sinais gráficos e, neles, eram comuns os exercícios de leitura em voz alta e o ditado; essas atividades guardam coerência com um tipo de pressuposto, que é o da transformação da fala em sinais gráficos. Através de exercícios de decifração e de identificação de palavras, os alunos realizavam suas leituras, aprendendo a relação entre as letras e sons, seguindo a ortografia da época.

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Segundo Sobral (2007, p. 12), a Nova cartilha Analytico-Synthética, conquistou espaço no cenário educacional brasileiro, devido ao esforço do autor em conciliar o então "novo" método analítico e o "tradicional" sintético para o ensino da leitura e escrita, tendo convencido defensores desses dois métodos a respeito da eficácia de sua proposta. No entanto, há uma extensa discussão entre os dois métodos: analíticos e sintético. Mariano propõe a utilização dos dois métodos, argumentando que as palavras, frases e textos produzem sentido para as crianças e são elementos com os quais elas já têm contato, antes do início do processo de alfabetização. Assim, as palavras empregadas para trabalhar sílabas, fonemas ou outras unidades relacionadas à análise do sistema alfabético não eram previamente estipuladas. Esses recursos eram utilizados sem distinção clara do que está relacionado ao método analítico ou global.

De acordo com Frago (1993), o processo de alfabetização sempre esteve relacionado por muito tempo com aspectos ideológico-culturais e se colocou como um instrumento de dominação ou liberação, controle e moralização de uma sociedade. Para o autor, a história da alfabetização está inter-relacionada com os interesses e concepções de lugares, momentos históricos, grupos sociopolíticos e sujeitos que motivam, legitimam, impulsionam os modos e procedimentos do processo de alfabetização em sua difusão temporal, espacial e social.

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Figura 06 - Páginas 86 e 87 da Cartilha Analytico-Synthética de Mariano de Oliveira

* NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA *

Ophilia já está no grupo escolar.

2. Ella já sabe ler, escrever e contar.
3. Hoje ella teve uma lição de geographia.
4. — ¿Sabem vocês como foi a lição?
5. Primeiro, a professora lhe mostrou o globo geográphico.
6. Mostrou-lhe no globo os mares e os continentes.

86

* NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHÉTICA *

7. Depois mostrou no globo a América do Sul e o Brasil.
8. Ophélia está agora com um globinho na mão.
9. Ella mostra ao Hippólytho onde fica o Brasil.
10. Hippólytho ficou muito alegre e lhe disse:
11. Vamos ao gabinete, onde está o quadro negro.
12. Vou fazer no quadro negro a carta do Brasil.
13. ¡Como o Brasil é bello e grande!
14. ¡Viva a nossa Patria! Viva o Brasil!

87

Fonte: acervo da pesquisadora (2023).

Para Souza (2019, p. 3), a adoção do método intuitivo trouxe "uma proliferação vertiginosa de objetos industrializados para uso nas escolas a partir de meados do século XIX", cada um com suas inovações e funções para o processo de ensino e aprendizagem, em que a criança aprendia a partir de sua realidade, ampliando seus conceitos com ajuda dos materiais que desempenhavam funções pedagógicas relevantes. Nessa perspectiva, a autora argumenta que alguns grupos escolares puderam contar com abundante e diversificado material de ensino, mas, em outros, predominou a precariedade e a falta de

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

objetos, apresentando queixas e reclamações de professores e diretores de escolas ao longo do século XX.

Alguns desses materiais pedagógicos são citados nos diários de classe em análise, como os mapas de Parker, contador-mecânico, mapa-múndi. A partir das pesquisas de Portela (2014), o mapa de Parker era um dispositivo didático-pedagógico criado por Francis Wailand Parker para o ensino da matemática, que circulou pelo Brasil nas últimas décadas do século XIX e na primeira metade do século XX. Ao estabelecer uma ordem para o ensino dos números, incluía o uso de objetos da realidade das crianças, como seixos, canetas, tornos e livros para serem manuseados. Desse modo, o professor tinha possibilidades de melhor conhecer a evolução de seu aluno quanto à compreensão das quantidades para, em seguida, introduzir e profundar o estudo dos números e operações.

Dentre as providências para aquisição do material pedagógico e de mobiliário, o Livro de Atas da Diretoria Geral da Instrução Pública, n. 155, datado de 1920, descreve sobre a justificativa de faltas dadas do dia 1 ao dia 19 de fevereiro das professoras Maria Terceira Rocha e Raymunda Rocha, as quais participavam do curso de férias e permaneceram na capital do estado até o dia 15 do corrente mês, quando seguiram viagem para Parelhas, levando o material pedagógico fornecido ao grupo no dia 14: 01 caixa de lápis, 03 tesouras, 03 colas, 01 caixa de giz, 01 coleção colorida, papel liso e colorido, figuras e ilustrações, 02 livros de leituras, 01 carretel de linha, 03 cadernos.

Na referida ata, Manoel Dantas (Diretor da Instrução Pública) justifica as faltas das professoras e elogia as docentes pela sua “dedicação e competência” que lecionam. Pela quantidade dos dias que saíram da capital do estado dia 15 e chegaram na Vila de Parelhas no dia 19, percebemos que se tratava de uma longa viagem de aproximadamente quatro dias.

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dessa forma, a utilização desses recursos no processo de ensino poderia possibilitar a aprendizagem dos alunos de forma mais significativa, no intuito de tornar os conteúdos apresentados pelo professor mais dinâmicos, propiciando a ampliação de conhecimentos a partir da experiência, do concreto. Como as inovações pedagógicas, o mobiliário escolar, alfabetos, silabários, globos, contadores mecânicos, lousas, cadernos, livros de leitura, começavam a fazer parte do cenário comercial, passando a ser fabricado nas diferentes regiões do país. Na segunda metade do século XX, ocorre uma expansão desses materiais em função dos avanços tecnológicos, dos transportes e das comunicações.

Para Mortatti (2000), Mariano de Oliveira foi uma figura de destaque no cenário educacional nesse período, pela circulação de suas cartilhas, que foram utilizadas por gerações de professores e estudantes na escola primária brasileira, tendo lugar de destaque nos registros das cartilhas utilizadas em alguns estados do país, a exemplo do Rio Grande do Norte. A inovação das cartilhas escolares no interior do grupo escolar trouxe subsídios práticos para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, mediante um trabalho mais racional e menos memorizante, através do qual, o aluno podia apropriar-se das estruturas da língua com mais facilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartilha escolar de Mariano de Oliveira apresenta uma tendência da tradição gramatical, destacando os conhecimentos morfológicos, semânticos (sinonímia, antonímia, paronímia e homonímia), morfossintaxe, fonologia e ortografia, e uma baixa frequência de atividades voltadas ao texto e ao discurso. Ademais, identificamos diversos

Revista Educare
ISSN 2527 - 1083

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

aspectos estilísticos como a pontuação, construções sintáticas e seleção lexical. Cabia ao professor utilizar, portanto, os textos dos manuais, propondo exercícios aos alunos e aprofundando os estudos da língua para o desempenho de outras competências, principalmente, a escrita.

Deste modo, percebemos que a preocupação com a formação do novo sujeito incutia a escolarização como meio para essa transformação, valores quanto à honestidade, honradez, obediência, hábitos de cuidados com o corpo, mente, aparência, crenças diante da fé, religião, ou seja, costumes civilizadores com a intenção de propagar o desenvolvimento social, cultural e econômico.

Assim, a proposta pedagógica de cada manual pretendia educar a criança a partir de novos padrões intelectuais, os quais se fundamentavam numa concepção sobre o conhecimento a partir dos sentidos humanos e que, aplicada ao ensino, pretendia formar indivíduos que usassem menos a memória e mais a razão, valorizando a observação como meios de construção do conhecimento e implementação de atividades produtivas. Para atingir este objetivo, deveria se criar mais escolas, expandir a escolarização para a população, inovar a proposta pedagógica, buscando a preparação da criança para a vida futura com base no estudo das coisas que correspondiam às necessidades da época.

O Grupo Escolar Barão do Rio Branco apresentava não apenas um lugar físico diferente, mas a construção de uma nova cultura mediante à utilização das cartilhas escolares, provocando um conjunto de mudanças na política, religião, cultura, esportes que interferiam nos comportamentos de toda comunidade local em relação à família, dogmas, uso dos corpos e desigualdades sociais. As práticas do cotidiano dos parelhenses sofreram alterações alterando os costumes quanto aos hábitos de higiene, novos modos de se vestir, relacionar-se com os outros, as festas cívicas, aulas passeios e os eventos que

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

adentravam o Grupo Escolar com suas características de modernidade como veremos no capítulo a seguir.

Desse modo, a cartilha escolar Analítico-Sintético de Mariano de Oliveira pode ser entendido como elemento da cultura escolar, reverenciador das normas, finalidades da instrução pública, conteúdos ensinados e as práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano do grupo. Desse modo, ele foi um importante instrumento no processo de escolarização, alfabetização, fortalecimento e construção da identidade nacional brasileira movidos pelo interesse dos intelectuais republicanos.

NOTAS

1. Pelo projeto de reforma Sampaio Doria de 1920 em São Paulo, o ensino primário nas escolas seria de dois anos de duração com uma carga horária duas horas e meia diárias, possibilitando aos professores instruir duas turmas em um mesmo dia.
2. Nascido em 1837, em New Hampshire (EUA), Parker foi professor em localidades desse estado, dirigindo uma escola em Dayton (Ohio) e uma escola normal em Chicago.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marta. A educação escolar citadina (Rio Grande do Norte, 1924-1927). *In*: MIGUEL, M. Elisabeth Blank (Org.). **As manifestações da escola nova no Brasil (1920 a 1946).** Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de.; SANTOS, Rosa M. **História da educação no Rio Grande do Norte**: Instituições escolares, Infâncias e modernidade no início do século XX. 1. ed. Curituba: Appris, 2018.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de.; STAMATTO, Maria Inez Sucupira. **Escola da Ordem e do Progresso:** Grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte. Brasília: Liber Livro, 2012.

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

CARLOS, Valter Natal Valim. **Ilustrações de cartilhas escolares na Primeira República (1889-1930)**: a historiografia da educação no Espírito Santo por entre traços e espaços em branco. 2015. 297 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. 2015.

FRAGO, A. V. Historia de la educación e historia cultural. **Revista Brasileira de Educação,** São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./dez.1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3ª ed., Campinas: Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo Nexos**: História das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MEDEIROS NETA, Olivia Morais. O Grupo escolar Joaquim Correia: Uma introdução à história da educação de Paus dos Ferros – RN na primeira metade do século XX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH – São Paulo, julho, 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Mariano de. **Nova cartilha analytico-synthética**. 54. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1918.

OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de. As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1950). Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara, UNESP. **História da Educação**, n. 2, São Paulo, 2004.

PORTELA, Mariliza Simonete. **As cartas de Parker na matemática da escola primária paranaense na primeira metade do século XX**: circulação e apropriação de um dispositivo didático pedagógico. 2014.

ROZANTE, Ellen Lucas. A educação dos sentidos no método de ensino intuitivo e o caso das escolas públicas isoladas de São Paulo (1889-1910). *In*: **VI anais do Congresso Brasileiro de História da Educação**. Goiânia, 2011.

Marecilda Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Kilza Fernanda Moreira de Viveiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SOBRAL. Patrícia de Oliveira. Um estudo sobre Nova Cartilha Analytico-Synthética (1916), de Mariano de Oliveira. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 7, n. 3, p. 343-356, 2007.

SOUZA, Rosa de Fátima de. A contribuição dos estudos sobre Grupos escolares para a historiografia da educação brasileira. **Revista Brasileira de história da educação**. v. 19, 2019. Disponível em: http://dx.doi.or/10.4025/rbhe. Acesso em: 21 jul. 2021.

Recebido em: 22/12/2024
Aprovado em: 23/07/2025